

Indecisos devem levar DF ao 2º turno

397

Malu Pires



A dez dias das eleições, a maioria do eleitorado ainda não definiu seus candidatos favoritos, situação indicativa da realização de um segundo turno para governador. Estas foram as previsões feitas, em entrevista ao Jornal de Brasília, pelos cientistas políticos da Universidade de Brasília Davi Fleisher e Benício Schmidt, tendo por base pesquisas feitas por técnicos da universidade e por empresas especializadas. Na apuração feita pelo pessoal da UnB, o índice dos indecisos a governador é de 50% e 70% declaram não ter escolhido seu senador, deputado federal e distrital.

Tecnicamente, explicaram, um índice de indefinição acima de 20% impossibilita a previsão de favoritos e torna arriscado definir o quadro eleitoral. Além do que, há estudos indicando que os eleitores podem reverter ou definir seus votos até 48 horas antes das eleições. "Dependerá da eficiência dos candidatos criar fatos políticos agora para inverter esta situação, caso contrário, os votos brancos ou nulos surpreenderão na abertura das urnas", disse Schmidt, previsão compartilhada por Fleisher.

Frustração

De acordo com os cientistas, são quatro as explicações básicas para a indecisão do eleitorado: o despreparo da maioria dos candidatos, a frustração da expectativa de mudanças alimentada em eleições anteriores, a falta de informa-

ções seguras sobre a carreira dos concorrentes e a dúvida sobre a eficiência do governo Collor. "Falar em ressaca eleitoral em Brasília é bobagem, só tivemos duas eleições, afirmou David Fleisher.

Reforçariam a indecisão, segundo Fleisher e Schmidt, a falta de lideranças carismáticas e partidos fortes, a manipulação dos dados de pesquisas eleitorais e da imprensa. E, ainda, a ausência de debates e de um horário eleitoral de bom nível. "O eleitorado está disponível e não se pode culpá-lo de apatia, já que este contexto foi criado pelos próprios políticos", disse Benício Schmidt.

Flamengo

É dentro deste contexto, afirmam, que a possibilidade do segundo turno é real. "A eleição não está ganha. E nem se pode confiar, neste momento, no mito da ignorância do analfabeto e do semi-analfabeto ou na decantada politização do eleitorado de Brasília e muito menos em transferência de voto de favoritos aos seus companheiros de chapa", afirmou Fleisher.

Segundo Schmidt, estudo realizado por vários cientistas políticos, e coordenado pela Universidade Federal de Minas Gerais, "vem sendo confirmado nas eleições", e caracteriza o eleitorado como o time de futebol do Rio de Janeiro — o Flamengo. "Nele está escrito que o povo não organizado que votar em candidatos com conotação popular, não importa se de direita ou esquerda, ele não se une em torno de partidos mas de bandeiras, vota na pessoa e não na agremiação política e também escolhe pelo sentimento da gratidão", disse.

Além disto, ressaltou, ainda está em vigor uma das máximas de Maquiavel (analista político da Idade Média): "A massa tende a preferir um governo visto como eficiente do que democrático". Daí porque, assinalou, Schmidt, o elei-

torado de Lula tende a se transformar em forças conservadoras. "Os politizados à esquerda ou à direita têm uma faixa fixa em torno de 15%, o restante é flutuante. O episódio da vitória de Lula em Brasília foi uma questão de carisma, empatia com o eleitorado, o pobre versus o rico, o trabalhador contra a elite, foi uma situação de momento".

"Não existe transferência de voto de Lula para o candidato do PT, Carlos Saraiva, ou do candidato da Frente Comunidade, Joaquim Roriz, para seus companheiros, de Collor para Roriz ou de Leonel Brizola para o senador Maurício Corrêa e destes para os componentes de sua chapa. Cada situação é um caso à parte", acrescentou David Fleisher. As exceções a esta análise seriam o Rio de Janeiro, Porto Alegre e Recife onde já existe tradição política, segundo o professor Schmidt.

Inteligência

Eles ressaltaram, também, que a ignorância do eleitorado no preenchimento da cédula eleitoral não aumentará, como se prevê, o número de votos brancos e nulos. "Em 1986, a cédula era maior que uma folha de papel ofício e nela constavam 69 nomes para senador. Apesar disto a população se saiu bem", lembrou Fleisher.

De acordo com os dois cientistas, o favoritismo de Joaquim Roriz nas pesquisas não é resultado de seu desempenho político, mas da incompetência da esquerda que, tendo acesso a todos estes dados, nunca explorou, no bom sentido, estas idéias. "O povo não tem culpa se a direita é mais eficiente em explorar estas estratégias", acen-tua Schmidt. Mesmo assim, a previsão dos professores é de que no segundo turno a disputa fique entre Roriz e um candidato de esquerda — possivelmente Maurício Corrêa.